

Silêncio e trabalho: reflexões sobre o controle acústico durante a jornada

Evila Dantas Costa¹
Yves Lara Alves Pereira²
Gabriella de Sá Cavalcante Oliveira³
Felipe da Costa Trotta⁴
Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados parciais de uma pesquisa desenvolvida desde 2022 sobre a relação de trabalhadoras e trabalhadores com as sonoridades em seus locais de trabalho. Mais especificamente, isolamos aqui algumas interpretações sobre os sentidos que os profissionais atribuem à noção de silêncio e seus efeitos sobre a produtividade durante sua jornada. Por fim tensionamos quais as convenções acerca de um ambiente sonoro considerado “normal”, elaboradas a partir do conceito de espaços sonoros convencionados.

Palavra-chave: silêncio; trabalho; gradação; produtividade; convenção.

Introdução

Um dos principais eixos estruturantes da vida cotidiana é o trabalho. Através dele, são processadas valorações, representações e hierarquias sociais que atravessam vivências e produzem uma infinidade de experiências tanto pessoais quanto coletivas. A organização de nossa existência é fortemente atravessada por uma divisão bastante acentuada entre o trabalho e o não-trabalho, conformando dois grandes blocos de atividades. Essa cisão se dá a partir de uma determinação temporal que separa os dias “úteis” (aqueles em que trabalhamos ou desenvolvemos alguma atividade profissional) dos “não úteis” (períodos dedicados ao lazer, ao descanso ou a qualquer outra atividade que não seja laboral), expressando uma oposição que define, de um lado, o tempo do trabalho, do outro, o tempo da “vida” (Durán Heras, 2010).

Embora a música tenha uma onipresença muito significativa na vida cotidiana (Kassabian, 2010), ainda são poucos os estudos dedicados a interpretar seu uso

¹ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Estudos de Mídia do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense – UFF, e-mail: eviladantas@id.uff.br

² Estudante de Graduação, 4º Semestre, do Curso de Estudos de Mídia do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense – UFF, e-mail: yveslara@id.uff.br

³ Estudante de Graduação, 4º semestre, do Curso de Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense – UFF, e-mail: gabriellasa@id.uff.br

⁴ Orientador do trabalho e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense – UFF, e-mail: felipetrotta@id.uff.br

secundário, ou seja, aqueles momentos em que a experiência musical não é principal atividade. Aí incluem-se as experiências de escuta fragmentadas, não escolhidas ou até mesmo forçadas. Ao mesmo tempo, é frequente a afirmação de que a música é capaz de alterar a nossa própria percepção temporal, já que ela ativa um conjunto bastante complexo de elementos que funcionam dentro do próprio tempo. Nossa pesquisa, em desenvolvimento desde 2022 e que já realizou mais de 40 entrevistas com profissionais de diversas ocupações e idades direciona suas atenções para os usos da música nos ambientes de trabalho, refletindo e investigando de que modo o tempo do trabalho pode ser manipulado pela presença de música e de sons.

A prática musical é apontada como o resultado de uma manipulação acústica, que produz alterações corporais e é capaz de transformar a maneira como as pessoas interagem e se relacionam umas com as outras. Também é descrita por diversos autores como sendo uma atividade humana que *organiza* o tempo (DeNora 2013, Quintero Rivera 2020, Trotta 2020). Entretanto, em determinados espaços de trabalho, o controle sonoro é feito por pessoas que ocupam certas posições de poder (Trotta e Costa, 2023). E tal controle contempla não somente as práticas musicais, como também o próprio silêncio, entendido como outro demarcador temporal importante para quem trabalha.

Os sentidos e gradações do silêncio

A ideia de silêncio pode ser interpretada através da noção de gradação. A que os/as trabalhadores se referem quando falam em silêncio? Quais definições podemos atribuir a ele? Nenhum ambiente de trabalho é totalmente silencioso. Nesse sentido, a classificação de silêncio ou “não-silêncio” é resultado de um processo que inclui uma série de ruídos ambientais que são considerados como “naturais” ou “normais” para o ambiente. Ou, em outras palavras, há um ambiente sonoro que baliza determinadas convenções que por sua vez determinam a avaliação sobre o “silêncio”. Essa avaliação é subjetiva e atravessada por diferentes hierarquias que envolvem os contextos de trabalho.

Podemos citar, por exemplo, a entrevista realizada com uma costureira⁵. Seu ambiente de trabalho é um ateliê que ela e esposo construíram no quintal, que comporta cerca de quatro máquinas de costura, armários que armazenam as suas linhas e materiais de trabalho. Ela disse entender que há um silêncio que antecede o início de seu ofício de costura mas ignorava que o ateliê nesse momento era ocupado sonoramente com os ruídos do entorno, ou seja, que vem da janela (que está posicionada para a rua), latidos do seu cachorro e dos seus equipamentos de costura. Tal “silêncio” era definido por ela em relação ao que vem a seguir, que é o barulho emitido pelo motor da máquina de costura.

Temos também a entrevistada professora, que expressou um certo conforto e um certo incômodo com os ruídos e interferências do ambiente escolar. Segundo ela, se a turma está muito silenciosa, o barulho da movimentação dos corredores pode ser um fator que interfere na concentração dos alunos. Ou o silêncio da turma pode significar que a aula está boa ou que a aula está péssima e eles não veem a hora do sinal romper com esse silêncio. Esse silêncio, pode ser tanto desconcertante quanto tenso em certas medidas.

Mais um ponto a ser analisado é a intencionalidade do silêncio, configurando-se como um elemento de comunicação. O silêncio de quem não responde, o silêncio de quem escuta, este tipo de silêncio possui uma certa carga de sentido. Nesta circunstância, o silêncio atua como uma ação do discurso que, por sua vez, possui tanta intencionalidade quanto uma palavra que pode ser dita.

A gradação do silêncio ao ser explorada em campos como o ambiente de trabalho, traz à tona a máxima de que em algum momento, o indivíduo será exposto ao ruído indesejado e/ou impossível de ser cessado. Podemos compreender que o silêncio, nesses ambientes, são uma construção social. Tal entendimento é abordado por Felipe Trotta, em síntese, no livro *Annoying Music in Everyday Life* (Bloomsbury, 2020) vendo o silêncio distante de ser apenas a ausência do som mas, também, como um espaço de negociação social. Tal como foi explorado na entrevista com o jovem que trabalha com

⁵ Neste trabalho, os entrevistados serão tratados a partir de suas profissões, em um esforço para preservar suas identidades.

streaming musical, em que ele diz que, por trabalhar em um setor que essencialmente é colaborativo – a equipe inteira, cerca de 6 pessoas, trabalha em uma mesa extensa numa sala relativamente grande da empresa –, ele e sua equipe determinaram que todos trabalham melhor se o espaço de trabalho “em silêncio”. Ou seja, houve uma negociação sobre as horas que seria aceitável ou não que houvesse algum tipo de barulho, ruído ou conversas paralela no espaço de trabalho deles.

Mais do que a ausência, o silêncio pode ser entendido como uma forma de presença – que é manifestada em diferentes níveis e que alcança simbologias específicas conforme muda o seu contexto. Por esse motivo, para falarmos de silêncio precisamos abordar, de forma sensível, as suas variações e não uma definição estática. Quando questionada, a entrevistada costureira, declara que o silêncio a incomoda a ponto de ela querer interromper com alguma música ou som. Em certas ocasiões, para a entrevistada, o som era como uma presença que a incomodava a ponto de querer fazer algo a respeito, e no caso dela, era calar o silêncio com o som.

Desta maneira, o juízo de silêncio como algo definitivo limita o nosso entendimento de sua abundância semântica. Ao identificá-lo como um fenômeno gradativo, ingressamos em sua complexidade e a sua capacidade de expressão. O silêncio, compreendido desta forma, por diversos fatores, é uma linguagem – das entrelinhas, do interpretativo, do que não é dito e nem por isso, possui menos significado.

Silêncio, controle e produtividade

O silêncio aparece em muitas entrevistas como elemento associado à produtividade. Conversando com profissionais de diferentes áreas, algumas das perguntas que fizemos procuravam esclarecer como esses trabalhadores se sentiam quando eram expostos aos sons provenientes de seu ambiente de trabalho e, em contrapartida, como entendiam a ausência desses sons durante a jornada. Não foram raras as respostas que relacionavam a ideia do silêncio como algo prazeroso, que causava bem-estar ou até mesmo certa calma em pessoas que trabalhavam em espaços abertos ou semiabertos (como lojas de rua e supermercados, por exemplo), que via de

regra, são locais bastante ruidosos. Entretanto, quando conversávamos com pessoas que trabalhavam em regime híbrido (algumas vezes por semana no escritório e em outras, em casa) ou em espaços fechados, ao silêncio era atribuído outros sentidos para além da quietude, expresso na ideia de um certo incômodo causado por um ambiente tão silencioso.

Para dar conta dessa diversidade de significados acerca do silêncio no ambiente de trabalho, consideramos que o mesmo pode ser dotado de três vias de sentido: por vezes, ele é apontado como um desejo, outras como um problema e ainda como um desejo e um problema ao mesmo tempo. Apesar de serem ideias dissonantes, mas por vezes complementares, seus significados são muito relativos e dependem de um contexto situacional. Para ilustrar melhor essas vias de sentido, selecionamos um trecho da entrevistada gerente de marketing. Ela trabalha em regime híbrido, indo uma vez por semana ao escritório e no resto da jornada, trabalhando em casa. O imóvel é dividido com seu pai, sua mãe e irmã mais nova. Quando perguntada se gosta de silêncio durante o trabalho, ela respondeu: *“Eu gosto de silêncio, mas não muito, porque me deixa meio doida”*. Sua fala é interessante justamente por apontar essa contraposição dos sentidos do silêncio: nessa situação ele é sim desejado até um certo ponto, pois além deste pode atrapalhar seu desempenho no trabalho. Ela nos contou que sua jornada de trabalho é atravessada por “muitos barulhos”, já que seu pai também trabalha de casa e, segundo ela, fala muito alto ao telefone, sua mãe assiste à televisão em um volume também muito alto e especialmente as manhãs são muito agitadas, porque somada à voz do pai ao telefone e ao volume da tevê, a sua irmã também prepara-se para ir à escola, e raramente o faz em silêncio.

Portanto, assim como os diferentes ruídos, barulhos, sons e músicas (para citar termos usados pelos próprios entrevistados) o silêncio também pode ajudar ou atrapalhar a produtividade desses trabalhadores. Em outro trecho da entrevista, a gerente de marketing compartilha sua experiência durante o trabalho no escritório. Apesar de alguns sons a incomodarem e até mesmo atrapalharem, é ao silêncio que ela atribui adjetivos significantes, chamando-o de “silêncio corporativo, empresarial, fúnebre”.

Outras entrevistas que exemplificam as diferentes dimensões do silêncio são as da produtora cultural e da repositora. No primeiro caso, a entrevistada trabalha em um

bar na cidade de Niterói⁶, localizado na Praça da Cantareira, conhecido reduto boêmio de estudantes, especialmente os da Universidade Federal Fluminense. Nesse bar acontecem shows, rodas de samba e diversos outros eventos culturais. Além de produzir alguns desses eventos, a entrevistada também atua em diferentes frentes: no caixa do bar, organizando o espaço e atendendo a clientela, por exemplo. Quando perguntada sobre o que ela sente quando não está tocando música durante o trabalho, especialmente antes do expediente formal começar, ela responde:

Quando não tem música a gente bota uma música no computador ou no celular. É muito difícil a gente ficar sem música. [...] A gente coloca a música pra animar o ambiente, a gente gosta de preencher o silêncio com som, sempre.

Nesse trecho, a entrevistada manifesta o ato de colocar música praticado não só por ela, mas também pelos colegas, como uma forma de preencher essa densidade incômoda que o silêncio ocupa. Um último exemplo é o da repositora, que trabalha em um mercado da mesma cidade. O dia todo, ela ouve burburinho de pessoas e músicas ininterruptas, que tocam em caixas de som espalhadas pelo local, cujo controle é exercido por “alguém da administração”⁷, segundo ela. Quando perguntada sobre o incômodo com uma possível ausência de música no ambiente de trabalho, ela pontua: “*Olha, depende do meu estado de espírito. Às vezes o silêncio também me agrada bastante, eu fico mais tranquila, mais calma*”. Nessa fala, a entrevistada se refere ao silêncio enquanto desejo, como condicionante para que ela alcance a tranquilidade e calma durante a jornada de trabalho.

Diante dessas três possibilidades de significados atribuídos ao silêncio, a questão do controle exercido sobre ele pode impactar diretamente na produtividade (ou na falta dela) de alguns dos entrevistados. Em especial aqueles que têm maior controle acústico durante o horário de trabalho são capazes de modular seus estágios de produtividade, recorrendo à interrupção de determinados sons (como músicas, por exemplo) ou fazendo uso de outros recursos sonoros que aumentam sua performance no trabalho. Exemplo disso são as *playlists* disponíveis no YouTube com foco na produtividade, sobretudo as que contém músicas de *lo-fi hip hop*, subgênero musical com batidas mais

⁶ Município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Grande parte das entrevistas foram realizadas lá.

⁷ Ver Trotta e Dantas (2023). Em um artigo intitulado “Música e tempo no trabalho: atração, distração e momentos na jornada” os autores argumentam que em determinados locais, o controle acústico da música (e consequentemente do silêncio) é exercido por pessoas que estão em alguma posição de poder, especialmente em espaços comerciais.

suaves e geralmente sem conteúdo lírico que são produzidas e buscadas justamente para fomentar a imaginação, criatividade e fantasia dos ouvintes. (Gauziski, 2025, p. 144).

Contudo, essas vias de significado também operam na lógica de um ambiente sonoro considerado “normal” pelos trabalhadores, que, apesar de também ter um sentido relativo, obedece a determinadas convenções, enraizadas no conceito de espaços sonoros convencionados, que será discutido no capítulo a seguir.

Convenções

A noção de silêncio nos ambientes de trabalho é construída com base no estabelecimento de convenções sobre as sonoridades “adequadas” para tais espaços. As convenções são caracterizadas por acordos sociais construídos entre os trabalhadores que estabelecem normas de comportamento para mediar as relações nesses espaços. Elas são comumente veladas, mas também podem ser estabelecidas como regras escritas para manter a convivência. Contudo, iremos tratar mais propriamente das convenções subentendidas, ou seja, aquelas que são construídas com base no convívio diário das pessoas em seus ambientes de trabalho.

Nessa perspectiva, focamos em analisar a sensação de normalidade construída pelas convenções típicas de cada ambiente de trabalho. Então, através das entrevistas observamos que essa percepção descrita pelos trabalhadores possui um caráter variável a depender do tipo de espaço sonoro que é construído através das sonoridades próprias de cada atividade. É exatamente essa a sensação expressa pelo entrevistado gerente de farmácia quando perguntado acerca do caráter das sonoridades de seu ambiente de trabalho.

É normal, é um ambiente normal. É claro que tem muitas ligações de telefone, porque a farmácia faz delivery, tem o whatsapp, tem aqueles clientes que conhecem a gente, e chegam já daquela forma ‘Me vê aquele produto que você sabe qual é!’

Assim, ao ser perguntado acerca dos elementos que compunham a normalidade do seu ambiente de trabalho, ele especificou que cotidianamente a farmácia tem de receber diversos pedidos tanto presencialmente, quanto por *delivery*, visto que seu regime de remuneração opera pela lógica da comissão, na qual, por dia, ele ganha uma

pequena porcentagem em cima dos produtos que ele vende. Ou seja, quando o ambiente da loja está silencioso o significado atribuído por ele é de falta de movimentação da clientela, simbolizando uma perda de comissão.

A partir de relatos semelhantes, percebemos que os ambientes de trabalho possuem seus espaços sonoros próprios, caracterizados pelos entrevistados como “normais”. Esse sentimento de normalidade se conecta à dinâmica da expectativa, visto que de cada atividade laboral são esperadas sonoridades específicas, que com o tempo são assimiladas pelos trabalhadores, dada a vivência diária no ambiente.

Essa sensação de normalidade sonora originada nas convenções é explorada por Thiago Fernandes Alves em seu livro *O som do Silêncio e o Silêncio do Som*, onde ele desenvolve o conceito de campos sonoros convencionados, ou por convenção. Para pensar nas gradações de sonoridade nos ambientes de trabalho, pode ser interessante pensar em “espaços sonoros convencionados”. Ou seja, um ambiente sonoro constituído através de acordos estabelecem quais formas de gradação sonora são socialmente aceitas em cada lugar.

Logo, como cada ambiente de trabalho possui seus próprios espaços sonoros convencionados, vale se perguntar de que forma se constituem essas convenções. Observamos que a noção de “normalidade” sonora no ambiente de trabalho se relaciona com a gradação da densidade sonora do ambiente, assim como noções difusas e subjetivas sobre os efeitos dessa ambientação na produtividade de trabalhadores e trabalhadoras.

No caso do gerente de farmácia, por exemplo, já que, ou seja, um dia barulhento e movimentado significa um bom volume de vendas simboliza um dia produtivo e melhor remunerado; Mais do que uma sonoridade “normal”, esse ambiente ruidoso é mesmo desejável.

Na mesma medida, analisar os níveis de gradação também nos possibilita entender que eles se estruturam na manifestação de diferentes níveis de sonoridade. E, nos ambientes de trabalho, as variações específicas de cada ofício fazem parte do cotidiano, e por isso acabam se tornando comuns, sendo até mesmo esperados pelos trabalhadores. Ou seja, essa expectativa acaba moldando as convenções desses campos sonoros.

Portanto, os espaços sonoros convencionados são característicos nos mais diversos locais de trabalho, e refletem as relações sociais, culturais, revelando até mesmo dinâmicas de controle e relações de poder. Então, tais sonoridades convencionais, atuam como uma ferramenta para organizar e controlar os espaços profissionais. A percepção das sonoridades dos ambientes de trabalho é construída a partir dessa “normalidade” sonora, que vai determinar as sensações e avaliações dos trabalhadores(as) sobre a positividade ou não das várias gradações da sonoridade - do mais ruidoso ao silêncio.

Referências

ALVES, T. F. **O som do silêncio e o silêncio do som:** Pela construção de uma sociologia sonora. Campina Grande. Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2019.

DENORA, Tia. *Music in Everyday Life*. Cambridge University Press, 2000.

DURÁN Heras, M. A. **Tiempo de vida y tiempo de Trabajo**. Bilbao: Fundación BBVA, 2010.

GAUZISKI, D. **Paisagens sonoras da produtividade: músicas e sonoridades para foco e concentração no YouTube**. In: José Claudio Castanheira, Pedro Marra, Marcelo Conter. (Org.). *Sons do fim do mundo*. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2025, v. 1, p. 127-147.

KASSABIAN, A. **Ubiquitous listening**. Berkeley e Los Angeles, EUA: University of California Press, 2013.

QUINTERO Rivera, A. *Salsa, sabor y control*. México: Siglo XXI, 2005.

TROTTA, F. **Annoying Music in Everyday Life**. 1. ed. Nova York, Londres: Bloomsbury, 2021. v. 1. 209p

TROTTA, F; DANTAS, E. **Música e tempo no trabalho: atração, distração e momentos na jornada**. In: José Claudio Castanheira, Pedro Marra, Marcelo Conter. (Org.). *Sons do fim do mundo*. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2025, v. 1, p. 148-161.